

Beth Brait
(Org.)

**BAKHTIN,
DIALOGISMO E
CONSTRUÇÃO
DO SENTIDO**



**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP**

B179 Bakhtin, dialogismo e construção do sentido / Beth Brait (org.) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

(Coleção Repertórios)

1. Bakhtin, M. M. (Mikhail) Mikhailovitch, 1895 - 1975 - Crítica e interpretação. 2. Lingüística. 3. Análise do discurso. 4. Literatura - Estética.
I. Brait, Beth. II. Título

20. CDD - 410
- 415
- 801.93

ISBN 85-268-0406-5

Índices para catálogo sistemático:

1. Crítico literário	410
2. Lingüística	410
3. Análise do discurso	415
4. Literatura - Estética	801.93

Coleção Repertórios

Copyright © by Beth Brait

Projeto Gráfico	Revisão
<i>Camila Cesarino Costa</i>	<i>Valdir Pereira Gomes</i>
<i>Eliana Kestenbaum</i>	<i>Etna Lima Macário</i>
Coordenação Editorial	Preparação de Originais
<i>Carmen Silvia P. Teixeira</i>	<i>Ivana de Albuquerque Mazetti</i>
Produção Editorial	Editoração Eletrônica
<i>Sandra Vieira Alves</i>	<i>Silvia H. P. Campos Gonçalves</i>

Parte dos recursos utilizados para a publicação deste livro é proveniente da CAPES através do Projeto Construção do Sentido e Aquisição das Línguas, coordenado por Beth Brait.

1997
Editora da Unicamp
Caixa Postal 6074
Cidade Universitária - Barão Geraldo
CEP 13083-970 - Campinas - SP - Brasil
Fone/Fax: (019) 788.2174

*Este livro é dedicado a Boris Schnaiderman,
mestre de todos nós.*

SUMÁRIO

Apresentação	11
ABERTURA	13
Bakhtin 40 graus (Uma experiência brasileira com a sua obra) (Boris Schnaiderman)	15
PARTE I - BAKHTIN E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A TEORIA DA LINGUAGEM	25
Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso (Diana Luz Pessoa de Barros)	27
M. Bakhtin em M. Pêcheux: no risco do conteudismo (Eni Puccinelli Orlandi)	39
Poéticas da linguagem de Bakhtin a Glissant (Daniel Delas)	49
Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito (Patrick Dablet)	59
PARTE II ENUNCIÇÃO E SENTIDO EM BAKHTIN	89

Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem (Beth Brait)	91
Significação e forma lingüística na visão de Bakhtin (Luiz Francisco Dias)	105
O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso (Mónica Graciela Zoppi-Fontana)	115
A dialogia e os efeitos de sentido irônicos (Maria Lília Dias de Castro)	129
PARTE III -	
BAKHTIN, GÊNEROS DO DISCURSO E DIALOGISMO	139
Os gêneros e o corpo do acabamento estético (Irene A. Machado)	141
A noção de “gênero discursivo” em Bakhtin: uma mudança de paradigma (Daniel Faïta)	159
Enunciados interrompidos: são eles inacabados? (Maria Cecília Pérez de Souza e Silva)	179
Estrutura da narrativa ou gêneros, mundos, lugares discursivos & companhia? (Lélia Erbolato Melo)	187
PARTE IV -	
BAKHTIN, ROMANCE E DIALOGISMO	195
“Dialogismo” e romance ou Bakhtin visto através de Dostoiévski (Prof. Dr. Frédéric François)	197
A construção das vozes no romance (Cristovão Tezza)	219
O romance e a simulação do funcionamento real do discurso (José Luiz Fiorin)	229

Transmissão do discurso alheio e formas de dialogismo em
Vidas Secas, de Graciliano Ramos
(Maria Celina Novaes Marinho) 249

PARTE V -

VOZ, CORPO, FALA E ESCRITA EM BAKHTIN 261

A entonação no dialogismo bakhtiniano
(Véronique Dahlet) 263

Escrita, leitura, dialogicidade
(Helena H. Nagamine Brandão) 281

PARTE VI -

BAKHTIN E SEUS INTERLOCUTORES 291

O marxismo neo-kantiano do primeiro Bakhtin
(Iná Camargo Costa) 293

Bakhtin e a lingüística atual: interlocuções
(Doris de Arruda C. da Cunha) 303

Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível
(Maria Teresa de Assunção Freitas) 311

Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin: polifonia, alegoria e
o conceito de verdade no discurso da ciência contemporânea
(Solange Jobim e Souza) 331

PARTE VII -

QUESTÕES DE TRADUÇÃO DA OBRA BAKHTINIANA 349

Questões de literatura e de estética: a teoria do romance
(Homero Freitas de Andrade) 351

O irreversível e o apuro
(Flávia Ribeiro de Castro) 357

Tradução: um diálogo às avessas?
(Sheila Lima) 369

Comentários à mesa redonda: questões de tradução na obra de Bakhtin (Aurora Fornoni Bernardini)	383
---	-----

APRESENTAÇÃO

Em novembro de 1995, o Departamento de Lingüística da FFLCH/USP, com apoio da Fapesp e do CNPq, realizou o Colóquio Internacional “Dialogismo: Cem Anos de Bakhtin”, projetado como forma de homenagear os cem anos do nascimento de Mikhail Bakhtin, teórico russo cujas reflexões sobre a linguagem têm marcado diferentes áreas do conhecimento, e também como proposta de reunião de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que pudessem discutir, problematizar e mostrar as diferentes maneiras como as teorias bakhtinianas vêm sendo trabalhadas atualmente. Na verdade, essa proposta procurou retomar e dar continuidade a iniciativas anteriores de grupos de estudiosos brasileiros que introduziram os temas bakhtinianos em discussões científicas, como aconteceu em 1987, na Universidade Federal do Paraná, e em 1990 na Universidade Federal de Pernambuco.

Enquanto atividade prevista pelo projeto “Construção do Sentido e Aquisição das Línguas”, que se insere no Acordo Internacional Capes/Cofecub mantido entre a Universidade de São Paulo e a Université de Paris X/Nanterre, o encontro foi precedido por palestras mensais que, ao longo do ano letivo de 1995, prepararam o Colóquio, envolvendo pesquisadores, alunos e professores da graduação e da pós-graduação na discussão e nas formas de recepção das teorias bakhtinianas.

*MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN:
POLIFONIA, ALEGORIA E O CONCEITO
DE VERDADE NO DISCURSO DA
CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA¹*

*Solange Jobim e Souza**

Quando um bom escultor modela uma estátua, o que quer que ela represente, é preciso primeiramente que ele conceba com exatidão o movimento geral. Em seguida, é preciso que, até o fim de sua tarefa, ele mantenha, enérgica e claramente na consciência, sua idéia do todo para que, desse modo, possa sempre comparar e relacionar estritamente os menores detalhes de sua obra com essa idéia. E isto não se dá sem um imenso esforço do pensamento.

(Rodin)

O texto e o contexto

Walter Benjamin (1892-1940) e Mikhail Bakhtin (1895-1975) – dois autores, duas vidas que se entrecruzam na *grande temporalidade*, discursos com especificidades e estilos distintos, porém interligados pelo fio do sentido; comprometido com uma verdade mais ampla, que os mantém entrelaçados na história – este é o tema deste ensaio.

* Professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Dentre os vários caminhos pelos quais as idéias de Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin podem nos conduzir, escolhemos, neste texto, abordar um dos grandes dilemas epistemológicos das ciências humanas deste final de século – *a relação sujeito, linguagem e verdade na ciência contemporânea*.

Tanto Benjamin como Bakhtin recorrem com frequência a inúmeras metáforas, imagens, analogias, ou citações, que, no seu conjunto, revelam uma forma de pensamento, ou, mais do que isto, uma visão de mundo. Certamente não se trata de um pensamento rigoroso enquadrado em um sistema de opções conclusivas, mas pensamento tecido nas malhas da alusão e que se move nas dobras da linguagem, ampliando o âmbito da razão e instaurando o diálogo entre o conhecimento e a verdade, a sensibilidade e o entendimento, a razão e a paixão. Esta conquista progressiva da verdade, através do diálogo das idéias que se expandem no espaço e no tempo, desafia as ciências humanas a construir uma outra compreensão de si própria. Buscando suas próprias leis internas e novos critérios de exatidão, nossos autores redefinem o conceito de verdade e recuperam para a linguagem o compromisso e a responsabilidade de re-significar o sujeito e a história.

Benjamin: – “Para que a verdade seja representada em sua unidade e em sua singularidade, a coerência dedutiva da ciência, exaustiva e sem lacunas, não é de nenhum modo necessária” (1984, p. 55).

Bakhtin: – “No campo das ciências humanas, o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro que manifesta sua vontade, sua presença, sua expressão, seus signos, por trás dos quais estão as revelações divinas ou humanas (leis dos poderosos, mandamentos dos antepassados, ditados anônimos). ...O que nos interessa nas ciências humanas, é a história do pensamento orientada para o pensamento, o sentido, o significado do outro, que se manifestam e se apresentam ao pesquisador somente em forma de texto. Quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser o texto.” (pp. 329-330).

Benjamin (1984) pensou cada idéia como um sol que se relaciona com outras idéias, assim como os sóis se relacionam entre si.

A verdade surge como o equilíbrio tonal dessas essências atravessando diferentes épocas. Pensar, inspirada nesta metáfora, as obras de Benjamin e Bakhtin, é buscar encontrar o equilíbrio tonal entre as várias idéias geradas no conjunto de suas obras através dos tempos. A partir de cada pequeno fragmento retirado dos diferentes textos que compõem este conjunto de obras na sua totalidade, emerge uma constelação de idéias novas, ou seja, um novo texto que, ao mesmo tempo, contém e amplia ainda mais as obras originais.

Para ser fiel ao pensamento de nossos autores é preciso, antes de mais nada, saber renunciar à previsibilidade, transitar sem medo no interior do movimento incessante das idéias, usufruir da plasticidade do pensamento e acreditar na permanente insuficiência do conhecimento. Se pretendêssemos esgotar aqui as afinidades eletivas presentes nas obras de Bakhtin e Benjamin, estaríamos certamente negando o desafio fundamental que permeia o pensamento destes autores, qual seja, a crença na necessidade de resistir, sempre, a toda espécie de sistematização ou acabamento conceitual e classificatório, responsável por tornar simplória e empobrecida a complexa realidade da condição humana.

Definitivamente, a amplitude de questionamentos que foram sendo construídos nos diferentes textos, muitas vezes retalhados e díspares que compõem a obra destes autores, nos conduz a um redirecionamento do pensamento no interior das ciências humanas do ponto de vista metodológico. Este redirecionamento se realiza, por um lado, explicitando um rompimento com as abordagens positivistas no interior das ciências humanas, e, por outro, pela urgência de se pensar as questões contemporâneas a partir de formulações teóricas que considerem a linguagem como *ponto de partida e desvio* para se apreender a complexidade, cada dia maior, da experiência do homem num mundo em permanente transformação.

Hoje, quando cercamos um tema ou problematizamos a realidade concreta das experiências humanas, nos defrontamos com um emaranhado complexo de aspectos políticos, religiosos, sociológicos, psicológicos, culturais, históricos, entre outros, que atravessam a nossa compreensão das questões cotidianas, exigindo uma formulação que escape a uma única disciplina acadêmica. Com isto entendemos que as ciências humanas estão sofrendo um processo de deslocamento que coloca em questão o próprio conceito de dis-

ciplina. Nesta perspectiva, podemos considerar tanto a obra de Benjamin como a de Bakhtin como precursoras de uma formulação teórica que propõe uma transformação radical do discurso contemporâneo, substituindo os grandes sistemas filosóficos, sociológicos, lingüísticos ou psicológicos, por um tipo de texto simplesmente chamado “teoria”, inaugurando um novo discurso que se caracteriza por ser todos ou nenhum destes sistemas ao mesmo tempo.

Bakhtin: – “Nossa investigação se situa nas zonas limítrofes, nas fronteiras de todas as disciplinas mencionadas, em sua junção, em seu cruzamento” (1992, p. 329).

Assim, estes autores compreenderam, no início do século, que a complexidade da experiência humana não poderia se esgotar no interior de sistemas teóricos fechados, pois o que está em jogo é a formulação de um estilo de escrita teórica comprometida com um rompimento mais definitivo com as abordagens conceituais enrijecidas pela influência da racionalização científica no interior das ciências humanas.

A vontade consciente de representar uma variedade de estilos textuais não é, de modo algum, um mero artifício de estilística, mas um compromisso fecundo com o conteúdo propriamente dito das idéias que se quer exprimir e que precisa encontrar sua expressão no pensamento do outro, pois, só neste encontro ou nesta comunhão, pode, de fato, permanecer e evoluir como idéia ou pensamento na *grande temporalidade*. Em síntese, se as transformações da sociedade devem estar presentes na própria forma como se pretende expressar tais transformações, então o texto teórico deve fazer justiça à complexidade dos conteúdos inscritos na realidade, e, portanto, ir em busca do estilo textual que melhor dê conta desta tarefa.

Polifonia textual e discursiva nas ciências humanas

A primeira preocupação de quem assume a responsabilidade de elaborar um texto sobre as palavras de outrem é encontrar a forma que faça justiça ao conteúdo daquilo que se quer expressar, falar ou transmitir como idéias e palavras que são, ao mesmo tempo, palavras

e idéias alheias e próprias. E qual seria a forma de um pensamento aberto e em constante combate com seus adversários e consigo mesmo? Que forma dar a um pensamento que busca desfazer enganos e ilusões, sem abandonar estes mesmos enganos e ilusões como método de aproximação com a *verdade*? Nesta busca, dois caminhos se interpenetram: o caminho do *diálogo*, escolhido por Bakhtin, e o caminho da *citação autorizada*, escolhido por Benjamin.

Diálogo é combate e jogo, jogo entre opiniões em confronto, confronto entre duas ou mais consciências, jogo que convida o público a participar do debate. Entrar na corrente do diálogo é renunciar à fala monológica, que seduz o outro de modo autoritário e impede a manifestação do caráter de acontecimento que assume o conhecimento dialógico. A citação, por sua vez, é uma forma de recuperar, sempre, em um novo texto, a verdade contida na palavra alheia. Portanto, citação é também diálogo, diálogo entre textos, compromisso em fazer convergir e divergir idéias próximas e distantes no espaço e no tempo. Citações são como fragmentos coloridos de um caleidoscópio, isolados e heterogêneos, mas que ao se juntarem em novas configurações revelam, através do impacto da imagem, a presença simultânea da beleza e da verdade. Para Benjamin, a compreensão das teses platônicas sobre a relação entre a verdade e a beleza tem importância capital não somente para qualquer filosofia da arte, como para a própria determinação do conceito de verdade no interior das ciências humanas.

Benjamin: – “... o homem é belo para o amante, e não em si mesmo, porque seu corpo se inscreve numa ordem mais alta do que a do belo. Assim a verdade, que é bela, não tanto em si mesma, quanto para aquele que a busca. Se há em tudo isso um laivo de relativismo, nem por isso a beleza imanente à verdade transformou-se em simples metáfora. A essência da verdade como a auto-representação do reino das idéias garante, ao contrário, que a tese da beleza da verdade não poderá nunca perder sua validade” (p. 53).

No entanto, o que constatamos ao longo de sua história é que as ciências humanas têm enfrentado o dilema de uma difícil escolha: ou enveredam pelos caminhos da exatidão, do cálculo e da geometria humana, e, nesta direção, arriscam a construir uma con-

cepção de homem que é pura abstração conceitual, ou admitem que a condição humana exige uma cientificidade que se define de outra maneira. Apostando nesta última opção, nossos autores acreditam que as ciências humanas podem e devem assumir o compromisso e a responsabilidade com um outro conceito de verdade, resgatando a dignidade da linguagem para transitar e revelar a tensão permanente entre conhecimento e verdade na esfera do saber humano e social.

Benjamin: “– Quanto mais claramente a matemática demonstra que a eliminação total do problema da representação reivindicada por qualquer sistema didático eficaz é o sinal do conhecimento genuíno, mais decisivamente ela renuncia àquela esfera da verdade visada pela linguagem” (1984, p. 49).

Bakhtin: “– As ciências exatas são uma forma monológica do conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato de cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele, há a coisa muda. Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (1992, p. 403).

O discurso monológico anula a necessária tensão entre conhecimento e verdade no âmbito das ciências humanas. O conhecimento produzido no interior das ciências exatas se concretiza a partir da lógica de um sistema explicativo e, por ter uma preocupação fundamentalmente didática, é algo que pode ser ensinado. É possível transmitir a verdade. Contudo, não é possível ensiná-la. O que se transmite no conhecimento é da ordem da informação, mas a verdade se dá pelas vias da linguagem, não por comunicação de conteúdos, mas por expressão, ou seja, pela essência espiritual de uma singularidade. Tanto Benjamin quanto Bakhtin reivindicam para as ciências humanas uma outra forma de expor a verdade, forma que se distingue profundamente do que chamamos conhecimento empírico do real e que, portanto, questiona os limites rígidos da racionalidade

técnica, preconizando um tipo de conhecimento que inclui as paixões e as utopias indispensáveis à vida, sem as quais não há humanidade possível.

Certamente, isto não significa abrir mão ou negligenciar o necessário rigor que a procura da verdade exige do pesquisador, mas este deve admitir um conceito de verdade que não se dá apenas por evidência fatural e nem se esgota na explicação.

Bakhtin: – “A explicação implica uma única consciência, um único sujeito; a compreensão implica duas consciências, dois sujeitos. ...A compreensão sempre é, em certa medida, dialógica” (1992, p. 338).

Somente a linguagem, em sua dimensão dialógica, polifônica e alegórica, pode devolver às ciências humanas a dignidade para enfrentar o compromisso de redefinir os seus critérios de exatidão, buscando através de leis que lhe são próprias uma outra possibilidade de interpretar e compreender a complexidade da condição humana.

Bakhtin: – “As ciências humanas não se referem a um objeto mudo ou a um fenômeno natural, referem-se ao homem em sua especificidade. O homem tem a especificidade de expressar-se sempre (falar), ou seja, de criar um texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente do texto, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humana, etc.)” (1992, p. 334).

Método é desvio, é caminho indireto

A questão epistemológica, trazida tanto pelo método dialógico como pelo método da citação, se define pelo *desvio*, melhor dizendo, por uma necessidade de se extrair as palavras e as idéias do fluxo onde elas são habitualmente aceitas, transformando-as em outras tantas interrogações fundadoras. Método é caminho indireto, é desvio. (Benjamin, 1984).

Benjamin: “– Sinal secreto. Transmite-se oralmente uma frase de Schuler. Todo conhecimento, disse ele, deve conter um mínimo de contra-senso, como os antigos padrões de tapete ou de frisos ornamentais, onde sempre se pode descobrir, nalgum ponto, um desvio insignificante de seu curso normal. Em outras palavras: o decisivo não é o prosseguimento de conhecimento em conhecimento, mas o salto que se dá em cada um deles. É a marca imperceptível da autenticidade que os distingue de todos os objetos em série fabricados segundo um padrão” (1987, p. 264).

No novo itinerário adotado por nossos autores, o ponto de partida é o *sujeito*, o desvio se dá **na linguagem** e conduz a uma redefinição dos paradigmas das ciências humanas; o ponto de chegada é a formulação de uma teoria do sujeito articulada a uma teoria crítica da cultura. Este caminho segue uma rota sinuosa e se arrisca pelos labirintos do pensamento, sem a menor garantia de estarmos sendo conduzidos a algum lugar, ou a algum “porto seguro”. Porém, é exatamente nisto que está a preciosidade maior deste método, pois a renúncia à segurança do previsível permite ao pensamento o permanente contato com a liberdade. Um pensamento em permanente contato com a liberdade é o que assume e torna indispensável o diálogo entre a verdade e o erro, a ciência e a ficção, o ser e o não-ser, o mesmo e o outro, o conteúdo e a forma, a paixão e a razão... Uma vez que se penetra em profundidade na visão de mundo que emerge das obras de Bakhtin e Benjamin não é mais possível retornar à superfície sem se ter operado uma transformação radical na compreensão do papel da linguagem e de suas múltiplas mediações na interpretação e constituição do sujeito, da cultura e da temporalidade.

Dialogismo, autoria e produção estética

O dialogismo bakhtiniano desemboca em uma reflexão original sobre a autoria. Esta reflexão gerou uma compreensão articulada da constituição da consciência de si com a comunicação estética. No que diz respeito à constituição da consciência, Bakhtin afirma

que o território interno de cada um não é soberano; ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio. É com o olhar do outro que comunico com o meu interior. Tudo que diz respeito a mim, chega à minha consciência por meio da palavra do outro, com sua entoação valorativa e emocional. Do mesmo modo que o corpo da criança, inicialmente, forma-se no interior do corpo da mãe, a consciência do homem desperta a si própria envolvida na consciência alheia (Bakhtin, 1985).

Bakhtin: – “Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo” (1992, p. 378).

No âmbito da comunicação estética, Bakhtin afirma que a interação com uma obra de arte, além de ser um processo ativo, é também um processo criativo. O sujeito que compreende, participa do diálogo continuando a criação da obra, multiplicando a riqueza do *já-dito*. Neste sentido, a comunicação estética é parte do eterno inacabamento de uma obra de arte, pois a obra estará sempre revitalizando-se e renovando-se por meio das recriações sucessivas de seus contempladores. O artístico, diz Bakhtin, é uma forma especial de inter-relação entre criador e contemplador fixado numa obra de arte. Haverá sempre uma lacuna a ser preenchida por aquele que participa, como ouvinte ou espectador, da experiência estética. Sem um terceiro olhar, nem a obra nem o autor permanecem na história.

No que se refere à autoria das produções de linguagem na vida cotidiana, Bakhtin admite que a palavra não pertence ao falante unicamente. É certo que o autor (aquele que fala) tem seus direitos inalienáveis em relação à palavra, mas o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato de fala ressoam na palavra do autor. Tudo que é dito está situado fora da alma do falante e não pertence somente a ele. Nenhum falante é o Adão bíblico que nomeia o mundo pela primeira vez, nenhum falante é o primeiro a falar sobre o tópico do seu dis-

curso. Cada um de nós encontra um mundo que já foi articulado, elucidado, avaliado de muitos modos diferentes – já falado por alguém. A linguagem nunca está completa, ela é um projeto sempre caminhando e sempre inacabado. O conhecimento prescinde não apenas da linguagem, mas também depende do juízo de valor nela implicado.

Bakhtin: – “Compreensão e juízo de valor. Compreender sem julgar é impossível. As duas operações são inseparáveis: são simultâneas e constituem um ato total. A pessoa aproxima-se da obra com uma visão do mundo já formada, a partir de um dado ponto de vista. Esta situação em certa medida determina o juízo sobre a obra, mas nem por isso permanece inalterada: ela é submetida à ação da obra que sempre introduz algo novo. Somente nos casos de inércia dogmática é que nada de novo é revelado pela obra (o dogmatismo atém-se ao que já conhecia, não pode enriquecer-se). Compreender não deve excluir a possibilidade de uma modificação, ou até de uma renúncia, do ponto de vista pessoal. O ato de compreensão supõe um combate cujo móbil consiste numa modificação e num enriquecimento recíprocos” (1992, p. 382).

Dialogismo e autoria são conceitos que transformam radicalmente nossa compreensão da constituição do sujeito, da comunicação estética e da produção do conhecimento. Que conseqüências epistemológicas poderá ter uma tal concepção de linguagem para a definição do conceito de verdade no âmbito das ciências humanas? Como articular linguagem, acontecimento estético e verdade na produção do conhecimento humano?

Dialogismo, polifonia e alegoria como formas da verdade

Na perspectiva bakhtiniana a verdade não se encontra no interior de uma única pessoa, mas está na interação dialógica entre pessoas que a procuram coletivamente. O mundo em que vivemos fala de diversas maneiras, e essas vozes formam o cenário onde contracenam a ambigüidade e a contradição. Bakhtin quer perceber a unidade do mundo no particular, no efêmero, ou seja, a totali-

dade, o universal está presente nas múltiplas vozes que participam do diálogo da vida. A unidade da experiência e da verdade do homem é polifônica. Somente a tensão entre as múltiplas vozes que participam do diálogo da vida pode dar conta da integridade e da complexidade do real. Se cada enunciado, no contexto de uma interação verbal, é um elo de uma cadeia mais ampla de textos, cada texto pode ser compreendido como *mônada* que refrata todos os textos de uma dada esfera temática. *Dialogismo* e *polifonia* constituem as características, essenciais e necessárias, a partir das quais o mundo pode ser compreendido e interpretado de muitas e diferentes maneiras, tendo em vista seu estado de permanente mutação e inacabamento.

A dialética benjaminiana percorre um caminho semelhante. Porém, se para Bakhtin a verdade pode ser encontrada na relação dialógica entre textos, escritos ou falados, em Benjamin a verdade se expressa nos próprios objetos, coisas, gestos, etc., e tudo isto se constitui em signos de uma situação histórica e cultural mais ampla. A questão consiste em descobrir o contexto semântico que existe nos objetos, fazer falar o mundo das coisas. Dar voz ao particular e às cenas do cotidiano, para que “falando” possam revelar as leis do todo.

Benjamin: “– A relação entre o trabalho microscópico e a grandeza do todo plástico e intelectual demonstra que o conteúdo da verdade só pode ser captado pela mais exata das imersões nos pormenores do conteúdo material” (p. 51).

Portanto, no contexto das idéias benjaminianas e bakhtinianas, a verdade está na tensão entre o universal e o particular e a sua busca pauta-se na leitura monadológica do particular. Contudo, a leitura do particular como *mônada*² só é possível porque o particular comporta uma dimensão *alegórica*, quer dizer, não se esgota em si mesmo, pois ao falar de si fala também de outra coisa que não ela mesma. Na alegoria, o elo com o significado é fruto de uma laboriosa construção intelectual e remete sempre a uma pluralidade de possíveis interpretações. A leitura alegórica atinge sua mais alta dimensão e perfeição espiritual quando o leitor desvela o sentido escondido sobre o véu das palavras. Contudo, este momento de re-

velação da verdade existe como o tempo de um relâmpago, pois a leitura alegórica supõe, paradoxalmente, a inerente deficiência da linguagem alegórica, porque o sentido verdadeiro nunca é de fato alcançado plenamente.

Para Gagnebin (1994), a linguagem alegórica extrai sua profusão de sentidos de duas fontes que se juntam em uma mesma imagem: a tristeza e o luto pela ausência de um sentido último para as coisas e a liberdade lúdica que tal ausência acarreta. Luto e jogos de linguagem se articulam para reabilitar a história, o tempo e o desejo. A alegoria ressalta a impossibilidade de um sentido eterno e a necessidade de perseverar na grande temporalidade para construir significações transitórias.

Benjamin (1984) esclarece que é o choque entre o desejo da eternidade e a consciência aguda da precariedade do mundo que constituem a fonte principal da inspiração alegórica. A alegoria se instala na intimidade entre o efêmero e o eterno. As descrições benjaminianas ressaltam o sentimento de melancolia que o desmoronamento da tradição provoca. Os textos que compõem a obra intitulada *Infância em Berlim* são um belo exemplo de uma escrita que suscita uma leitura alegórica, ou seja, leitura que fala de um outro texto, cujo conteúdo o próprio texto original e o autor não conhecem plenamente. Das páginas deste livro – *Infância em Berlim* – surge um mundo feito de palavras onde os objetos perdem sua densidade costumeira e se dispersam numa multiplicidade semântica infinita.

Benjamin: – “ARMÁRIOS. O primeiro armário que se abriu por minha vontade foi a cômoda. Bastava-me puxar o puxador, e a porta, impelida pela mola, se soltava do fecho. Lá dentro ficava guardada minha roupa. Mas entre todas as minhas camisas, calças, coletes, que deviam estar ali e dos quais não tive mais notícia, havia algo que não se perdeu e que fazia minha ida a esse armário parecer sempre uma aventura atraente. Era preciso abrir caminho até os cantos mais recônditos; então deparava minhas meias que ali jaziam amontoadas, enroladas e dobradas na maneira tradicional, de sorte que cada par tinha o aspecto de uma bolsa. Nada superava o prazer de mergulhar a mão em seu interior tão profundamente quanto possível. E não apenas pelo calor da lã. Era “tradição” enrolada naquele

interior que eu sentia em minha mão e que, desse modo, me atraía para aquela profundidade. Quando encerrava no punho e confirmava, tanto quanto possível, a posse daquela massa suave e lanosa, começava então a segunda etapa da brincadeira que trazia a empolgante revelação. Pois agora me punha a desembrulhar a “tradição” de sua bolsa de lã. Eu a trazia cada vez mais próxima de mim até que se consumasse a consternação: ao ser totalmente extraída de sua bolsa, a “tradição” deixava de existir. Não me cansava de provar aquela verdade enigmática: que a forma e o conteúdo, que o invólucro e o interior, que a “tradição” e a bolsa, eram uma única coisa. Uma única coisa – e, sem dúvida, uma terceira: aquela meia em que ambos haviam se convertido” (1987, p. 122).

Nesta cena Benjamin alude a uma dimensão da linguagem que devolve às coisas o poder de expressar para além da sua presença física no mundo, transferindo para a materialidade da escrita a possibilidade de conciliar o sentido e a forma. O episódio das meias revela que a experiência cotidiana mais fundamental é a experiência que se vive *na e com* a linguagem, experiência capaz de transformar a própria realidade concreta e objetiva do mundo material em elemento espiritual. O conhecimento, portanto, não pode prescindir de uma compreensão da linguagem na sua dupla dimensão – sensível e racional. Das reflexões que foram sendo elaboradas ao longo deste ensaio podemos apreender o legado maior do pensamento de nossos autores, qual seja: toda vez que conseguimos recuperar dispositivos de expressão que escapam ao despotismo do sistema de significações dominantes, estamos justamente lidando com formas altamente elaboradas de relacionar conhecimento e verdade.

A celebração das vozes na grande temporalidade

Toda grande obra, no processo de sua vida futura, se enriquece de novos significados, de novos sentidos, mostrando, com isto, a possibilidade de se superar a si mesma, superar aquilo que foi na época de sua criação. Isto significa dizer que os sentidos de uma obra podem existir de forma latente ou potencial, porém, só se revelam em um contexto cultural capaz de acolher e favorecer o seu

desdobramento fecundo através do diálogo que se estabelece entre os contemporâneos de uma época passada e os contemporâneos das épocas posteriores. No decorrer deste ensaio, procuramos mostrar que as obras de Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin continuam a evoluir através da compreensão ativa e criativa de seus leitores, e que, além disso, é possível extrair outros sentidos que, embora já se encontrassem nelas, nem os autores e nem os seus contemporâneos puderam perceber e avaliar com lucidez no contexto cultural da época.

O autor, prisioneiro de sua contemporaneidade, espera pacientemente que os tempos que lhe sucedem o libertem dessa prisão. A plenitude do sentido de sua obra só pode verdadeiramente acontecer na *grande temporalidade*.

Bakhtin: – “Contentar-se em compreender e explicar uma obra a partir das condições de sua época, a partir das condições que lhe proporcionou o período contíguo, é condenar-se a jamais penetrar as suas profundezas de sentido. Encerrar uma obra na sua época também não permite compreender a vida futura que lhe é prometida nos séculos vindouros, e esta vida fica parecendo um paradoxo. As obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na grande temporalidade, e, assim, não é raro que essa vida seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade” (p. 364).

Mergulhar no pensamento e nas idéias de Walter Benjamin e Mikhail Bakhtin requer uma forma de pensar incontestavelmente dialógica. Isto nem sempre é fácil em um mundo marcado pela fragmentação, no qual o homem é constantemente reificado em categorias dicotômicas e excludentes. O pensamento ocidental tem se mostrado preponderantemente monológico, daí a dificuldade maior de se substituir as abordagens reificadas, que pretendem uma explicação positiva e racionalista da realidade pelo modelo dialógico, polifônico e alegórico presentes nas obras de nossos autores.

Ao apresentar seu pensamento sobre o lugar do autor e da obra na grande temporalidade, Bakhtin nos permitiu compreender ainda melhor o legado de Benjamin e o seu próprio. Na grande temporalidade

dade nossos autores conversam entre si. Suas vozes, nossas vozes e as vozes alheias continuarão a ecoar entre nós e para além de nós.

Benjamin: – “O passado traz consigo um índice imperioso que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera” (p. 223).

Bakhtin: – “Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estarão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. O problema da *grande temporalidade* (1992, p. 414).

Um dos principais desafios da contemporaneidade é conviver com a sobrevivência de uma grande obra nas épocas que lhe sucedem, pois o pensamento do homem moderno foi capturado pela ilusão da novidade e pelo falso brilho das aparências fugazes e rapidamente descartáveis. Talvez este homem de hoje não saiba mais dar valor à “verdade” que resplandece no mundo das idéias e que garante a identidade do homem, através dos tempos, com aquilo que só a ele pertence – a linguagem como expressão de sua liberdade e emancipação, além de ser matéria que dá forma e conteúdo à imaginação criadora. Este colóquio é o reconhecimento da necessidade de enfrentarmos este desafio, é a celebração do pensamento que quer compreender o mundo estando nele como um acontecimento vivo.

NOTAS

¹ Texto elaborado para o Colóquio Internacional – “Dialogismo: cem anos de Bakhtin”, organizado pelo Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, de 16 a 18 de novembro de 1995.

² Termo utilizado por Leibniz para designar os elementos simples de que o universo é composto. A mônada é a realidade miniaturizada. A mônada é um ponto de vista sobre o mundo, ao mesmo tempo que revela o mundo sob um ponto de vista. Em Benjamin, este termo se refere ao modo como a verdade é apreendida no reino das idéias, permitindo que um fragmento da realidade seja a expressão do particular no âmbito do universal. Para Bakhtin, o texto pode ser compreendido como mônada que refrata todos os textos possíveis de uma dada esfera temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhaïl (1981). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec.
- . (1985). “Arte y responsabilidad”. In: *Estética de la creación verbal*. Madrid, Siglo Veintiuno Editores.
- . (1993). *Toward a Philosophy of the Act*. University of Texas Press, Austin.
- . (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- BENJAMIN, Walter (1984). *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo, Brasiliense.
- . (1987a). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense.
- . (1987b). *Obras escolhidas II: rua de mão única*. São Paulo, Brasiliense.
- CASTRO, Claudia (1992). “Na magia da linguagem”. In: *O que nos faz pensar*. Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, nº 6, agosto, (47-54).
- CASTRO, Lúcia Rabello & JOBIM E SOUZA, Solange (1994/95). “Desenvolvimento humano e questões para um final de século: tempo, história e memória”. In: *Psicologia Clínica. Pós-Graduação e Pesquisa*. Departamento de Psicologia, PUC-Rio, nº 6, (99-124).

- FARACO, Carlos Alberto (1993). "Bakhtin: a aventura dialógica".
In: *As aventuras do pensamento*. Curitiba, Editora UFPR.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção (1994a). *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. Campinas, SP, Papirus.
- . (1994). *Vygotsky & Bakhtin. Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo, Ática.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie (1994). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- JOBIM E SOUZA, Solange (1994). *Infância e linguagem*. Campinas, SP, Papirus.
- PESSANHA, José Américo Motta (1991). "Platão: as várias faces do amor". In: *Os sentidos da paixão*. São Paulo, Companhia das Letras.